

O ESPANHOL NA UNIVERSIDADE¹

Maria Antônia Tavernari Dacar²

A INTERNACIONALIZAÇÃO da economia, decorrente do processo de globalização, a criação de blocos econômicos e a franca expansão dos mercados, passam a exigir o poliglôtismo, já existente na Europa há muitos anos. O mundo globalizado pressupõe sujeitos políglotas.

Nos países do primeiro mundo há atualmente um grande investimento no que diz respeito à política lingüística e à divulgação de suas línguas e culturas, através de agências de financiamento, embaixadas e instituições de representação. Estas têm viabilizado projetos de pesquisas, centros de estudos lingüísticos, bolsas de estudos, entre outras coisas.

No contexto atual de emergência e consolidação do Mercosul, não se pode negar a importância atribuída ao idioma espanhol no Brasil, já que ele passa a ser utilizado como instrumento de inserção social, ou seja, aumenta a capacidade de interação do indivíduo nas sociedades urbanas. Entre as possíveis causas do elevado interesse pela aprendizagem desse idioma, destacou-se o aumento do intercâmbio econômico e cultural entre o Brasil e os países do Cone Sul. A expansão das relações bilaterais não se restringe ao Mercosul : o Brasil tem ampliado o seu campo de influência e suas relações econômicas com a Bolívia , Equador, Peru, Colômbia, Venezuela.

A demanda por Espanhol tem sido atendida no Brasil, através da oferta de cursos em estabelecimentos de ensino de línguas que fazem parte do chamado sistema informal de educação e através de abertura de cursos em universidades que representam a educação formal. Cabe observar que o ensino de língua estrangeira em cursos livres e nos superiores tem características completamente distintas e respondem a interesses, objetivos e demandas diferentes. Além disso, têm, hipoteticamente, organização e razão

-
1. Síntese do trabalho apresentado como dissertação no programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba.
 2. Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Coordenadora do curso de Letras — Espanhol da UNISO.

de ser diferentes. As fronteiras entre a educação formal e a informal nem sempre são tão nítidas.

No caso específico das escolas de idiomas, o objetivo principal é capacitar o sujeito a ser usuário da língua: o usuário é o indivíduo que, em qualquer profissão ou situação, utiliza a língua, de alguma maneira, nas atividades da vida cotidiana, na leitura, nos contatos ou nas atividades profissionais. Neste caso, a demanda existente procura saber a língua.

Os cursos universitários de Licenciatura, por sua vez, são habilitatórios, isto é, têm valores constituídos de legalidade bem definidos e credenciam o indivíduo, através do diploma, a exercer a sua profissão. Formam os especialistas da língua, isto é, profissionais que deverão ser capazes de analisá-la, descrevê-la, explicá-la, comentá-la, estudá-la formalmente. Tais profissionais são preferencialmente professores, tradutores, pesquisadores, escritores, etc. que deverão saber sobre a língua.

Estabelece-se, assim, de imediato, uma distinção entre saber uma língua e saber sobre ela. Nesta diferença se assentam os objetivos das instituições que pretendam ensinar uma língua: os cursos livres não visam e não formam os profissionais da língua mas apenas credenciam o seu usuário. Para isso, eles se estruturam.

O contexto do Mercosul demanda usuários do Espanhol e isto implica na formação de maior número de especialistas, na medida em que estes serão os formadores daqueles. Logo, o que se espera, é que a universidade forme professores, tradutores, intérpretes e pesquisadores desse idioma que dominem a língua num nível muito mais elevado do que o do usuário.

A tradição de ensino universitário de língua estrangeira no Brasil, apesar de afirmar a formação de um profissional ou especialista e, portanto, bem ou mal, estabelecer diferenças de objetivos em algum nível, não tem pensado o ensino universitário de línguas em sua especificidade. Este fato se torna mais significativo à medida em que a universidade assume a responsabilidade de atender a nova clientela que se forma em função do Mercosul.

O perfil do aluno inserido neste tipo de demanda sugere, entre outras coisas, a sua necessidade de aprender o Espanhol para ter melhor qualificação para o trabalho e para ascender profissionalmente e socialmente. Este tipo de clientela está procurando ser usuário competente da língua. No entanto, uma significativa parcela dessa demanda está adentrando nas universidades. Deveria estar numa escola de idiomas e não no lugar de formação de especialistas da língua. Desta forma ocorre, de partida, uma contradição nos objetivos delineados por cada uma das partes envolvidas no processo ensino/aprendizagem. Assim, a universidade tem se tornado, para essa clientela, um curso alternativo para a aprendizagem do Espanhol, embora menos eficiente que as escolas de idiomas. Há, portanto, uma confusão sobre qual deva ser a finalidade de um curso universitário de língua estrangeira. As universidades têm grande responsabilidade pela construção de uma concepção de ensino superior que não tem clara a sua função e não tem por hábito fazer uma reflexão sobre ela.

Inúmeros fatores intervenientes colaboram no sentido de tornar tal situação ainda mais crítica: o número de alunos nas turmas é sempre muito alto, os cursos são geralmente noturnos, a clientela é, em sua maioria, trabalhadora não dispendo de tempo suficiente para os estudos, a heterogeneidade dos grupos se torna um elemento

complicador no processo. Os cursos de dupla licenciatura, cujos currículos enfatizam a tradição filológica, também se constituem num entrave à aprendizagem e impedem que os alunos tenham uma completa formação, por falta de tempo, em qualquer dos seus ramos. A dupla habilitação é um produto mais interessante do ponto de vista do mercado, já que oferece ao comprador duas profissões pelo preço e pelo tempo de uma.

A dupla habilitação coloca um problema constante que é o da opção objetiva do aluno: o aluno que vem para a universidade não tem colocado, para si, claramente, o porquê da sua opção. Muitas vezes a escolha é feita em função de um tipo de informação genérica de que o Espanhol é importante por sua difusão na cultura brasileira atual e também pela ação do grande destaque dado pela Mídia a este idioma.

Buscando investigar e refletir sobre tais fatos, realizei, junto a duas classes do curso de Letras Habilitação Espanhol da UNISO, uma pesquisa em que procurei perceber problemas reais de um curso universitário de formação de professores de língua estrangeira. Tal reflexão se deu através da análise de tópicos importantes que interferem, direta ou indiretamente, nesse processo: motivações e expectativas dos alunos ao ingressarem no curso, formação do usuário e do especialista, educação formal e informal, características dos cursos universitários e dos cursos livres, currículo e interdisciplinaridade, inserção cultural, dupla habilitação, facilidade/dificuldade na aprendizagem do Espanhol, proficiência em Espanhol e aproveitamento das aprendizagens lingüísticas.

A investigação realizada foi decorrência da necessidade de saber se meus alunos estariam realmente aprendendo Espanhol. Ao iniciá-la, não imaginava, porém, que a reflexão devesse, obrigatoriamente, passar por toda essa discussão. A investigação realizada permitiu a emergência de problemas e a reflexão sobre eles. Isto me permitiu elaborar novos questionamentos sobre o ensino universitário de língua estrangeira, mais especificamente, sobre o ensino de Espanhol. Ao mesmo tempo pude verificar que se resultados melhores não são atingidos, é porque diversos fatores intervieram: as expectativas e motivações iniciais dos alunos normalmente não são coincidentes com os objetivos da universidade; a universidade reproduz, em parte, o modelo de curso das escolas de idiomas, embora não tenha a mesma eficiência na formação do usuário; a não exigência, pela universidade, do pré-requisito do domínio de usuário, dificulta o conhecimento sobre a língua; a universidade tem que desempenhar duas funções: formar o usuário e o especialista; a dupla habilitação não permite o aprofundamento de conhecimentos do Espanhol em virtude da diminuição da carga horária e dos conteúdos; a dupla habilitação interfere na opção do aluno pelo curso tornando a escolha pelo Espanhol nem sempre a desejada; a desarticulação entre disciplinas e a manutenção de um currículo tradicional tornam deficiente a aprendizagem; o ensino da língua, desarticulado do contexto cultural hispânico dificulta a aprendizagem; a ausência de mecanismos de avaliação e de promoção por proficiência impede a organização de grupos mais homogêneos de estudo; a produção lingüística dos alunos não é a ideal pois resulta de uma aprendizagem que padece sob a influência de todos os fatores anteriormente mencionados.

Reavaliar o que até aqui foi exposto implica estar repensando a real finalidade do ensino do Espanhol na universidade. Significa assumir que o Curso de Letras Espanhol poderá estar nascendo novo ou velho: novo, se houver uma reflexão apontando para uma perspectiva distinta de ensino/aprendizagem; velho, se nasceu com o vício de ter simplesmente reproduzido o padrão tradicional existente no ensino de línguas nas universidades.

